

**PENSANDO A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE NO CONTEXTO
DA PESQUISA EM PSICANÁLISE: ANÁLISE DO PERIÓDICO CADERNOS
DE PSICANÁLISE (CPRJ)**

**THINKING ABOUT EDUCATION IN THE CONTEMPORARY CONTEXT OF
RESEARCH IN PSYCHOANALYSIS: ANALYSIS OF THE JOURNAL
CADERNOS DE PSICANALISE**

**PENSAR LA EDUCACIÓN EN EL CONTEXTO CONTEMPORÁNEO DE LA
INVESTIGACIÓN EN PSICOANÁLISIS: ANÁLISIS DE LA REVISTA
CADERNOS DE PSICANALISE (CPRJ)**

Sérgio Choiti Yamazaki

sergioyamazaki@gmail.com

Doutor em Educação Científica e Tecnológica pela UFSC

Docente da UEMS.

Regiani Magalhaes de Oliveira Yamazaki

regianibio@gmail.com

Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela UFSC

Professora da Universidade Federal da Grande Dourados.

RESUMO

Este artigo traz parte dos resultados de uma pesquisa que está sendo desenvolvida em uma universidade pública do país, que tem como objetivo levantar e analisar os trabalhos que estão sendo publicados sobre educação em revistas do campo da psicanálise. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica que visa analisar os olhares, investimentos e conclusões de investigações em educação pelo viés de outro campo, o da psicanálise. Os autores apostam na possibilidade de que outras formas de ver os problemas referentes à educação, em termos de área acadêmica, podem potencializar e contribuir com os projetos que estão em andamento tanto na academia quanto nas escolas brasileiras. Neste artigo em específico, são trazidos os resultados das análises de uma das revistas investigadas, o Caderno de Psicanálise do

Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, no que se refere aos aspectos relacionados às subjetividades da contemporaneidade. Foram analisados todos os artigos publicados neste periódico, e selecionados aqueles que apresentavam interlocução com a Educação. A seleção destes artigos foi efetuada por meio da identificação de descritores que apontavam para o campo da Educação, tais como as palavras “pedagógico”, “aluno”, “escola” e mesmo “educação”. Os resultados apontam que, apesar de poucos trabalhos encontrados, há avanços significativos quanto à compreensão do cenário escolar e suas implicações tanto didáticas quanto familiares, embora elas apontem para grandes desafios a serem ainda enfrentados. Trazemos para reflexão a presença do discurso do capitalista, que caracteriza a contemporaneidade.

Palavras-chave: psicanálise. Educação. discurso do capitalista. ensino e aprendizagem. cadernos de psicanálise.

ABSTRACT

This paper presents an excerpt of the results of a research that is being developed in a public university in the country, which aims to survey and analyze the works that are being published on education in journals in the field of psychoanalysis. It is, therefore, a bibliographical research that aims to analyze the views, investments and conclusions of investigations in education from the perspective of another field, that of psychoanalysis. The authors believe in the possibility that other ways of analyzing problems related to education, in terms of the academic area, can enhance and contribute to projects that are underway both in academia and in Brazilian schools. In this specific paper, the results of the analyzes of one of the investigated magazines, Caderno de Psicanálise do Círculo Psicanamático do Rio de Janeiro, are presented, with regard to aspects related to contemporary subjectivities. All articles published in this periodical were analyzed, and those that presented dialogue with Education were selected. The selection of these articles was carried out through the identification of descriptors that pointed to the field of Education, such as the words “pedagogical”, “student”, “school” and even “education”. The results indicate that, despite the few works found, there are significant advances in understanding the school scenario and its implications, both didactic and family, although they point to great challenges to be faced. We bring to reflection the presence of the capitalist discourse, which characterizes contemporaneity.

Keywords: psychoanalysis. education. discourse of capitalism. teaching learning. cadernos de psicanálise.

RESUMEN

Este artículo presenta un extracto de los resultados de una investigación que se desarrolla en una universidad pública del país, que tiene como objetivo relevar y analizar los trabajos que se están publicando sobre educación en revistas del campo del psicoanálisis. Se trata, por tanto, de una investigación bibliográfica que pretende analizar las visiones, inversiones y conclusiones de las investigaciones en educación desde la perspectiva de otro campo, el del psicoanálisis. Los autores creen en la posibilidad de que otras formas de analizar los problemas relacionados con la educación, en términos del área académica, puedan potenciar y contribuir a los proyectos que están en marcha tanto en la academia como en las escuelas brasileñas. En este artículo específico, se presentan los resultados de los análisis de una de las revistas investigadas, Caderno de Psicanálise do Círculo Psicanamático do Rio de Janeiro, con respecto a aspectos relacionados con las subjetividades contemporáneas. Se analizaron todos los artículos publicados en este periódico y se seleccionaron aquellos que presentaban diálogo con la Educación. La selección de estos artículos se realizó a través de la identificación de descriptores que apuntaban al campo de la Educación, como las palabras “pedagógico”, “estudiante”, “escuela” e incluso “educación”. Los resultados indican que, a pesar de los escasos trabajos encontrados, existen avances significativos en la comprensión del escenario escolar y sus implicaciones, tanto didácticas como familiares, aunque apuntan grandes retos a afrontar. Traemos a la reflexión la presencia del discurso capitalista, que caracteriza la contemporaneidad.

Palabras clave: psicoanálisis. educación. discurso capitalista. enseñanza y aprendizaje. cadernos de psicanálise.

INTRODUÇÃO

Pensar a educação é sempre algo inquietante. Não conseguimos ver a possibilidade de pensar a educação sem nos indignar com certas cenas e nos fortalecer e admirar outras. Falar em desafios, sim, mas quais? Falar em complexidade, sim, de que tipo? Não seria a educação um tema multidimensional? Que dimensões são prioritárias?

O cenário em que vivemos ditam (ocultamente?) os termos dos quais nos tornamos vítimas, fazendo crer no que Lacan, em meados da década de 1970,

já afirmava como a subjetividade de cada época. O autor dirigia-se aos psicanalistas que segundo ele deveria conhecer a subjetividade de sua época para poder lidar com seus analisantes. Afinal, eles trazem aquilo que o mundo lhe oferece.

Conhecido como o terceiro ensino ou a segunda clínica de Lacan, uma proposta é por ele elaborada para compreender o mundo contemporâneo, segundo o qual o capitalismo modifica os sujeitos tanto nos modos de ser quanto nas relações que possuem com aqueles com os quais se relaciona. Desta forma, Lacan define como um tipo de discurso – na realidade um pseudodiscurso – uma forma de laço com os objetos que até então não existia na psicanálise. Um tipo de laço não social, que não inclui o outro, sujeito, mas sim outro objeto. Para Lacan trata-se de uma demanda dos tempos atuais que naquele momento da história do capitalismo estava se constituindo de maneira bastante forte.

De lá para cá isto tem sido cada vez mais evidente. Basta ver a voracidade com que, desde Lacan, as pessoas procuram consumir produtos, denominados *gadgets*, dos mais variados tipos. Neste sentido, Badin e Martinho (2017) afirmam: “... os gadgets produzidos pelo discurso capitalista são oferecidos aos sujeitos como uma promessa de felicidade plena, provocando, assim, um consumo avassalador na sociedade contemporânea” (p.141).

O *gadget* é um termo de Lacan e foi criado com o objetivo de proporcionar uma ilusão de integralidade e de afastamento de um mal-estar, inerente aos seres humanos. “Contudo, enquanto o sujeito tem o ideal de que ao consumir os objetos terá uma completude, o sistema capitalista visa a fabricação de objetos cada vez mais avançados, mas sem longa duração, a fim de movimentar o sistema” (BADIN; MARTINHO, 2017, p.152).

Dessa forma, os *gadgets* não procuram satisfazer os sujeitos, pelo contrário, procuram deixá-los com a sensação de que algo falta, fazendo com que consumam cada vez mais, fortalecendo a dinâmica capitalista. “Essa

verdade, porém, fica escondida por trás das promessas de felicidade vendidas junto aos objetos” (BADIN; MARTINHO, 2017, p.152).

O que nos importa, neste artigo, é investigar se os trabalhos que estão sendo publicados entre os produtores de conhecimento em psicanálise têm relação com as demandas do mundo capitalista contemporâneo, uma vez que estas influenciam as subjetividades das pessoas e as fazem agir de determinada forma, mesmo que não se deem conta disso. Ou seja, são demandas inconscientes no sentido de que no fundo trata-se de um não-saber, de um desconhecimento sobre a verdade que movimenta uma forma de vida, e por isso é necessário que sejam postos para discussão nos distintos campos do conhecimento.

No mesmo período em que divulga o discurso do capitalista como uma forma contemporânea de subjetividade, Lacan (1992) apresenta o que denominou como “os quatro discursos”, definidos como laços sociais. Estes foram apresentados por meio de *mathemas*, símbolos que, tal como as equações da matemática, tem uma forma de funcionar. Elas mostram laços feitos entre os sujeitos em uma dinâmica entre quatro elementos, sendo que há uma que diz respeito a uma verdade que sustenta o agente da fala – aquele que propõe o tipo de discurso a ser estabelecido. No entanto, Lacan subverte a própria proposta dos discursos ao elaborar o discurso do capitalista, e faz deste um discurso sem laço social, cuja verdade passa a ser o capital que, por sua própria característica ordena que um outro produza para que ele possa mais consumir.

Não sendo nosso objetivo neste artigo aprofundar esta discussão, acreditamos que o que trouxemos é suficiente para dizer que a verdade dos sujeitos hoje – onde evidentemente incluem-se os estudantes – é complexificado quando comparado com o sujeito de décadas atrás. Assim sendo, propomos pensar se as escolas e os professores estão lidando com este ser

contemporâneo, ou se estão apenas servindo-se de uma engrenagem que visa a dessubjetivação à custa de mais produção.

Com esta perspectiva, este recorte de pesquisa procura trazer parte dos resultados de um levantamento feito em uma das revistas de psicanálise investigadas para verificar se há trabalhos que contemplam a educação, e se apontam criticamente para a contemporaneidade das relações humanas, em especial, aquelas movidas pelo discurso do consumo.

SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA

Cadernos de Psicanálise, do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, é um importante veículo de divulgação de pesquisas do campo da psicanálise. Com dezenove números, os artigos são disponibilizados desde 2012. Contudo, o caderno foi lançado muito tempo antes, em 1979, com o nome de Boletim Interno, sendo no ano seguinte modificado para o título atual.

O Círculo Psicanalítico foi fundado em 1969 e é uma sociedade filiada à Federação Internacional de Sociedades Psicanalíticas¹, uma entidade com mais de 20 sociedades de diversos países da Europa e das Américas. Além disso, o Círculo Psicanalítico tem mantido participação ativa em eventos internacionais, tendo contribuído com o desenvolvimento desta área. Assim, devido à importância desta revista no campo da Psicanálise, este recorte de pesquisa dedica-se exclusivamente a este periódico.

A pesquisa é bibliográfica de tipo qualitativo, e o levantamento de dados (artigos) foi feito pela busca nos títulos, palavras-chave e resumos, onde procuramos verificar se havia indícios de uma análise pelo viés conceitual ou

¹ *International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).*

fenomenológico da psicanálise que apontasse para questões referentes à Educação. A busca, então, foi feita pela procura de descritores como professor, escola, pedagogia, educação, aluno, que podiam estar localizados em qualquer parte do texto, que remetiam ao contexto da escola e do seu fazer pedagógico.

Dessa forma, todos os artigos foram analisados, e quando identificado um trabalho com o tema buscado, a leitura do mesmo era feita em sua integralidade. Na leitura dos artigos selecionados, buscamos analisar se havia referência a aspectos característicos à contemporaneidade, em especial, a questões enfrentadas pelos jovens, ou mesmo pelos adultos, com relação ao discurso do capitalismo, um tipo de vínculo com o mundo no qual estamos imersos. Assim, palavras como (neo)liberalismo, capital ou capitalismo, contemporaneidade, consumo, foram identificadas em alguns artigos, fazendo com que pudéssemos analisá-los mais detalhadamente.

RESULTADOS

Encontramos oito artigos que faziam referência à Educação, sendo que todos eles mostravam a preocupação com a infância e a adolescência, apontando para as complicações e dificuldades nas relações com os outros, não somente colegas e professores, mas todos aqueles que de alguma forma possuem algum vínculo afetivo. Além das complicações nas relações, os autores também pontuam que como consequência da infância, em especial das relações parentais, sintomas os mais diversos podem surgir, às vezes patológicos com diagnósticos médicos severos. O quadro a seguir apresenta estes trabalhos, localizando cada um deles por meio do título, da autoria e do ano de publicação.

Quadro – artigos do *Cadernos de Psicanálise* que dialogam com a Educação

Autoria	Volume, Número, Ano	Título
---------	---------------------	--------

Marília Etienne Arreguy	v.42, n.43, 2020	A autoridade à revelia do autoritarismo?
Luciana Gageiro Coutinho; Maria Manuela Dias Ramos de Macedo; Fernanda Mara da Silva Lima; João Francisco Pereira Marum	v.42, n.43, 2020	Desamparo e laços sociais na escola: uma oficina com adolescentes da rede pública
Débora Passos de Oliveira; Maria Celina Peixoto Lima; Carolina Carrah Colares	v.41, n.41, 2019	O desejo de viver e a transmissão do saber: perspectivas psicanalítica e filosófica
Karina Carvalho Veras de Souza; Rosangela Francischini	v.39, n.37, 2017	A díade adulto/criança em Rousseau e Freud e suas ressonâncias na clínica psicanalítica infantil contemporânea
Nancy Mendonça Assemany	v.38, n.34, 2016	Superestimulação na infância: uma questão contemporânea
Luciana Gageiro Coutinho	v.37, n.33, 2015	O adolescente e a educação no contemporâneo: o que a psicanálise tem a dizer
Maria Regina Maciel	v.35, n.28, 2013	. Psicanálise e Educação: do barulho à batucada
Lisiane Machado de Oliveira- Menegotto; Regina de Oliveira Heidrich	v.34, n.27, 2012	Corpo e psicose: articulações entre Psicanálise e Informática

Fonte: elaborado pelos autores

O primeiro artigo do quadro (ARREGUY, 2020) traz um olhar crítico a qualquer tipo de autoritarismo. Segundo a autora, esta forma de se dirigir ao outro impede que haja uma relação horizontal e política com potencial transformador. Ao contrário, há uma “associação assimétrica e vertical entre dois

polos de uma relação” (p.139) e, portanto, não é útil nem quando há o uso da lógica por meio da argumentação, pois mesmo neste caso, segundo a autora, ela pode levar aos piores sintomas: “por um lado, violência e autoritarismo; por outro, arrogância e sedução” (p.139).

Contudo, segundo Arreguy (2020) a autoridade pode ser benéfica quando o sujeito não carrega um exacerbado narcisismo demandando poder, mas é capaz de estabelecer uma relação de horizontalidade que contribui com o outro, fazendo com que construa um lugar simbolicamente legitimado. Neste caso, o foco seria contribuir com a autonomia do outro, uma vez que, segundo Freud (1937; 2018), não é possível ensinar, sendo, desta maneira, a educação uma das profissões impossíveis².

De fato, a pessoa que ocupa uma posição de autoridade não pode fazer nada no lugar da outra: isto é, mesmo que o adulto assuma a autoridade de uma forma “libertadora”, cabe também ao outro “se soltar”, no sentido de aumentar seu poder e autonomia. (ARREGUY, 2020, p.139).

Em outras palavras, somente pode haver educação ou ensino quando o sujeito-aluno está implicado no processo, pois assim aprende por si mesmo. Mas a implicação no processo subentende a manifestação de um desejo, elemento fundamental da subjetividade humana, que é castrado na educação formal a tal ponto que faz com que os dogmas morais mutilam a personalidade (ARREGUY, 2020).

Neste cenário, a autora apresenta dois modelos de educação: este a que nos referimos no parágrafo anterior, que ela denomina como repressivo (de uma autoridade punitiva), e o outro, libertador, construtivista, “mas que às vezes é confundido com certa permissividade” (p.142). O primeiro pode levar a demandas que por serem extremas se tornam sem sentido, deteriorando a confiança no outro que as produz, gerando sintomas como hiperatividade e

² Segundo Freud (1937) há três profissões impossíveis: educar (ensinar), governar e psicanalisar (analisar ou curar).

déficit de atenção. Além disso, também resultado da falta de confiabilidade no outro que exige demais e de forma autoritária é a “rejeição à escola” ou à educação que tem como elemento central um “mundo adulto visto como desprezível” (p.143).

Desta forma, a autora direciona seu olhar para o jovem, criança ou adolescente, que sofre, seja nos meios familiares, seja nas instituições escolares, quando há excessiva cobrança sobre anseios que não são seus e que por esta razão soam autoritários. Portanto, trazem sofrimentos que resultam de seus desejos castrados. O sofrimento psíquico na adolescência, particularmente nas instituições escolares, é tema do trabalho de Coutinho *et al.* (2020). Os autores procuram analisar como o sofrimento está interligado com os laços que os jovens estabelecem na contemporaneidade.

A escola, sendo um lugar privilegiado em que relações significativas se estabelecem, chama a atenção para análise de como as coisas lá acontecem. Os autores dialogam com Freud (1910, 1996) para argumentar que a escola tem responsabilidade no que se refere a muitos casos em que os alunos, principalmente os adolescentes, tem seu “desejo de viver” comprometido, e que casos extremos podem levar ao suicídio devido ao que ele chamava de “libido desiludida”.

Coutinho *et al.* (2020) apresentam no artigo um projeto desenvolvido em escolas que tinha como base a escuta dos alunos, em cujos resultados há aspectos que podem ser interpretados como positivos. O sofrimento dos alunos até então desconhecidos por aqueles que estavam ao redor, passou a ser visto, possibilitando uma forma de esvaziamento da dor. Segundo os autores, “alguns comentavam não ter com quem conversar sobre questões íntimas e angústias e outros ofertavam escuta” (p.132).

Porém, apesar dos resultados satisfatórios do projeto, os autores trazem uma preocupação: “... diante dos discursos neoliberais e tecnicistas que marcam

o estado atual do laço social e assim também comparecem no campo da educação, como fica a possibilidade de construção e manutenção dos laços ... solidários?" (p.132). Afinal, os laços sociais amparam os alunos e dão sentido à escola, permitindo o desenvolvimento do "desejo de viver" (FREUD, 1996), ao qual fizemos referência?

O "desejo de viver" é tema do artigo de Oliveira, Lima e Colares (2019). Também fazendo referência à Freud, as autoras interseccionam elementos que julgam como fundamentais no que tange às instituições escolares. Nomeando o ensino como "transmissão do saber", argumentam que há interdependência entre sociedade moderna, desejo de viver e suicídio. Neste sentido, afirmam: "Para nossa compreensão, a transmissão envolve mais do que um método específico de passagem de conteúdo, mas implica a transmissão do saber que só pode ser pensado como desejo" (p.39). Desta forma, dialogando com outros autores, concluem que "o suicídio em nossos tempos só pode ser abordado com eficácia se o tratarmos como sintoma estrutural do fracasso na transmissão do saber" (p.39).

Embora pareça ser o suicídio caso extremado presente entre os jovens, as autoras citam uma matéria publicada em um importante jornal espanhol (El País), em 2018, pela jornalista Eliane Brum segundo a qual³ o suicídio é a segunda maior causa de morte entre os adolescentes. Esta constatação problematiza o contexto das relações vivenciadas pelos jovens nos dias atuais, pois aponta para questões insolúveis de ordem subjetiva difíceis de serem enfrentadas pelos adolescentes.

Também indicando a infância subjetiva como preponderantemente relevante na análise da educação nos tempos atuais, Souza e Francischini (2017) afirmam que "o adulto concebe a criança como seu objeto de

³ De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde.

investimento, oscilando entre a legitimação da particularidade infantil e as estratégias de seu controle” (p.135), e que apesar de interpretação que vem desde os tempos de elaboração freudiana, está até hoje presente na clínica de crianças e adolescentes. As autoras notam que esta repetição dos adultos com relação às crianças tem implicações uma vez que também Freud já havia dado motivos para perceber que impulsos inconscientes não podem ser educados, pois uma vez reprimidos ou recalcados tem como consequência o aparecimento de sintomas.

No mesmo contexto em que os trabalhos supracitados são apresentados, da inserção das crianças e adolescentes no mundo contemporâneo, que trazem sintomas e sofrimento, Assemany (2016) trata de discutir o tema por meio do que nomeia como “superestimulação na infância”. Definindo-a como “pressão para que as crianças respondam o mais cedo possível a demandas externas” (p.231), a autora apresenta a história sobre como as mudanças ocorreram no que tange à concepção do que vem a ser a criança.

Em uma perspectiva histórica observamos que, a partir de um período (Idade Média) de total desconhecimento da infância enquanto etapa específica do desenvolvimento humano, passa a vigorar o discurso científico sobre a criança, um ser assexuado, sem desejo próprio, imaturo, portadora de uma natureza a ser corrigida pelo adulto. Essa ideia imperou por muito tempo e foi somente a partir de Freud que tal concepção se modificou (ASSEMANY, 2016, p.234).

Segundo a autora, “Freud não se deixa influenciar pelas teorizações que viam a criança enquanto natureza passível de ser ‘moldada’ pela educação”, atribuindo “um novo olhar... a ela” (p.234). “No *Projeto para uma psicologia científica*, Freud (1895) atribui às experiências infantis valor determinante e fundante do psiquismo. Estabelece o desamparo infantil e a busca de satisfação como elementos constituintes da subjetividade” (ASSEMANY, 2016, p.234). Neste sentido, a educação se torna algo complexo e difícil de acontecer, pois

lida com desejos inconscientes resultantes de processos subjetivos intensamente vivenciados pelos sujeitos.

Contudo, o que Freud acaba mostrando é que não são os fatos em si que são importantes para a criança, mas as fantasias e interpretações que são elaboradas dos fatos vivenciados. Trata-se, então, de uma “realidade psíquica, constituída pelos desejos inconscientes e pelas fantasias a ela vinculadas” (ASSEMANY, 2016, p.234). Dessa forma, a autora afirma que “do século XX até o século XXI, cada vez mais o sentimento de infância atribui às crianças papel preponderante no cerne das relações familiares. Estas se tornam protagonistas no núcleo familiar, que passa a funcionar em torno delas” (ASSEMANY, 2016, p.235).

No entanto, os investimentos feitos na contemporaneidade para o desenvolvimento da criança são precoces e desnecessários. A autora apresenta vários estudos que mostram que o que as crianças precisam para um desenvolvimento natural e saudável é da “força do olhar, da palavra, do gesto, seguindo a ética do cuidado amoroso” (p.236).

A superestimulação exagerada e desnecessária é exemplificada por meio de um caso em que “a professora elogiou o desenho de um aluno de sete anos e a mãe foi de imediato procurar cursos de arte, pensando em um novo Picasso. Enquanto isso, a criança falava ‘Não quero ter um professor, só quero desenhar’” (ASSEMANY, 2016, p.237).

Mas, por que a aceleração ao desenvolvimento infantil? Segundo a autora, “hoje, as práticas sociais cotidianas são implicadas em conceitos de eficácia, eficiência, foco e sucesso, e o que vemos é a infância transformada em uma corrida rumo à perfeição” (p.238). Neste sentido, as escolas, seguindo este padrão, fazem com que as crianças tenham em seu cotidiano exagerada quantidade de atividades como forma de treinamento para o mundo competitivo.

Assim, Assemany (2016) levanta uma questão diante deste contexto: “o que ocorre quando algumas famílias não seguem este modelo?” (p.238). E responde da seguinte forma: “Observa-se que existe, atualmente, um estranhamento em relação às crianças sem tantas atividades, como se isto fosse algo errado” (p.238). Além disso, afirma que “estimular as crianças cada vez mais cedo não as torna nem mais inteligentes nem mais aptas a descobrirem respostas para as questões que a cercam (p.238). Indo além, traz como problema um estudo feito nos Estados Unidos:

A Academia Americana de Pediatria (AAP) em 2014, com base em estudos científicos, explica os danos ocasionados pela exposição de crianças muito novinhas ao bombardeio do mundo digital para acalmar os bebês. Entre esses danos, destacam a possibilidade de atrasos cognitivos, problemas de atenção, dificuldade de concentração, transtornos de sono e de alimentação ... obesidade, frente ao uso indiscriminado de *tablets*, celulares e TV. (ASSEMANY, 2016, p.238-239).

Significa dizer que a inserção precoce no mundo digital contemporâneo tem como consequência certa negação do suporte necessário à criança, sua subjetividade. E esta falta pode levar aos danos citados por Assemany (2016), uma vez que é negada uma parte de sua constituição enquanto sujeito.

No que se refere ao sujeito como um todo, Coutinho (2015) apresenta interessante contribuição à reflexão sobre a infância, ao trazer ao cenário o olhar histórico e sociológico com relação ao “desenvolvimento” que leva à adolescência. A autora afirma que há diversas leituras sobre o que vem a ser a adolescência. Por exemplo, ao fazer uma leitura sob o viés da história e da sociologia a adolescência pode ser entendida como um “trabalho psíquico imposto ao jovem na nossa cultura, necessário para efetuar a passagem da infância para a vida adulta” (p.156).

Dito de outra forma, a concepção de adolescência espelha uma cultura e sua organização social. Segundo a autora “corre o “risco de produzir ideias a serviço da reprodução de determinadas normas sociais hegemônicas, da

exclusão da diferença e da neutralização da palavra dos próprios adolescentes através da medicalização e patologização individual dos adolescentes” (COUTINHO, 2015, p.157).

Neste cenário, a autora dialoga com a psicanálise para pensar a questão, sob o enfoque psíquico e social. Apontando para aquilo que converge entre a psicanálise freudiana, lacaniana e winnicottiana, a pesquisadora afirma que “o paradoxo fundamental vivido pelo adolescente em relação aos adultos [é]: encontrar/confrontar para deles se separar” (COUTINHO, 2015, p.164).

O declínio das idealizações dos pais é alimentado pelo **movimento de separação**, de saída de uma posição de dependência e alienação vivida como mortificante, na adolescência. O adolescente vive sob a permanente ameaça de deixar de ser sujeito, de tornar-se objeto, e essa ameaça estará presente em todas as relações com as figuras do mundo adulto. (p.164, grifos nossos).

A autora cita Melman (1994), para dizer que “geralmente em uma família são amadas as crianças que retomam de maneira direta o discurso de seus pais. Mas todos sabem muito bem que após uma certa idade isso se transforma num sintoma bastante preocupante” (MELMAN, 1994, p. 32 *apud* COUTINHO, 2015, p.164). Portanto, há um conflito entre alienação e separação com relação ao Outro, no seio familiar e escolar, fenômeno que tem como consequência um certo saber e um certo não-saber que é transmitido por este Outro. Acontecimento que nos leva novamente à impossibilidade de educar notada por Freud, o que significa que o sujeito sempre atribui certa singularidade ao saber transmitido, apontando para, em termos psicanalíticos, um saber não-todo.

Importante notar que as transformações daquilo que é transmitido devido às singularidades de cada um acontecem em função das subjetividades dos sujeitos, aspecto fundamental a ser percebido se considerarmos que a escola em suas práticas efetivas não o considera com o rigor necessário. Basta verificar a dinâmica e as regras veiculadas que, muitas vezes contrariando os

documentos da própria escola – como o regimento ou o projeto político pedagógico –, mais castram do que acolhem os alunos em se tratando das demandas subjetivas por eles apresentadas, o que pode levar inclusive a sintomas que, patológicos ou não, influenciam no sucesso ou fracasso escolar.

As subjetividades em constituição no adolescente são importantes uma vez que é a condição para o desenvolvimento da autonomia necessária ao enfrentamento das demandas da vida. Quando não consideradas, podemos dizer que “realizar o ideal dos pais ou de uma cultura, sem nele acrescentar ou retirar nada, como uma marca de singularidade, é morrer subjetivamente” (COUTINHO, 2015, p.165). Portanto, o adolescente inconscientemente traz a determinação “em denunciar o fracasso dos adultos, ‘matando-os’, de certa forma, para poder existir” (COUTINHO, 2015, p.165).

E esta constituição subjetiva que atribui o fracasso do adulto é a que pode ser encontrada na relação com o professor, base de um imaginário que assegura ao aluno seu lugar próprio. Desta forma, quanto mais o professor se comportar por meio de rígidas regras e exatos conhecimentos a serem avaliados, mais resistências encontrará uma vez que isso fortalecerá o imaginário que lhe dá sentido, em sua busca de autonomia.

Pelo contrário, quando o professor tenta compreender seus alunos, dando-lhes voz e aceitando suas singularidades, poderá fazer com que eles se engajem “em um movimento desejante e construtivo em relação ao conhecimento” (COUTINHO, 2015, p.165). Nesse sentido, a autora aponta que o trabalho de subjetivação do adolescente está diretamente relacionado às suas experiências no espaço público, mostrando ser fundamental o espaço escolar como um lugar de grandes realizações.

Considerando a importância de dar conta das subjetividades dos alunos adolescentes, a autora apresenta um projeto desenvolvido em uma escola, intitulado “Fala Sério”. Neste projeto, muitas dinâmicas foram colocadas em

prática, envolvendo desde jogos, diálogos, fotos, músicas, onde conflitos foram presenciados de forma às vezes agressiva. Contudo, pôde-se ouvir que o “bom professor é aquele que os respeita” e que “o diretor tira o direito dos alunos de serem diferentes e não os respeita... e, às vezes, [eles] são rebaixados e humilhados” (COUTINHO, 2015, p.169). Vale destacar um trecho do artigo:

Assim, foi possível também compartilhar experiências de bons encontros, mesmo que pelo confronto, entre professores e alunos. Um professor, que estava na iminência de desistir do magistério por conta de uma turma que o infernizava com diversas provocações, a maioria das vezes, induzidas por um aluno em especial, contou-nos sobre o dia em que se aproximou desse aluno, no final da aula, e lhe perguntou: “O que você quer comigo? O que eu te fiz?”. O que fez o aluno começar a chorar, a pedir desculpas e a falar coisas sobre sua vida, que nunca tinha sido capaz de falar a ninguém na escola. Segundo o professor, depois desse episódio, a relação com o aluno e com a turma mudou bastante (COUTINHO, 2015, p.170).

Coutinho (2015) mostra que quando os alunos são ouvidos muita catarse pode acontecer. O termo catarse é utilizado de forma singular – mas mantendo a característica de esvaziamento de funções. Sendo esta a perspectiva das intervenções supracitadas, os resultados mostraram que os alunos não só conseguiram dizer o que pensavam, mas foram verdadeiramente escutados pelos colegas e professores, comportamentos importantes para que transformações subjetivas possam de fato ocorrer.

E é por esta razão que, tal como em uma escuta analítica, em algumas situações no decorrer do projeto apresentado por Coutinho (2015) havia certos atritos entre os participantes, como a autora relata: “Nos jovens participantes do projeto *Fala Sério*, é bastante nítida essa relação de intimidação e a tentativa de anular o outro para se assegurar de si” (COUTINHO, 2015, p.171).

Além dessas formas de intervenção e dos conceitos aos quais fizemos referência, a psicanálise pode contribuir com o campo da educação em variadas situações ou fenômenos comumente presentes em uma sala de aula, nas relações entre professor e alunos, na escola e no seu entorno como um todo. E

é com esta perspectiva, que Maciel (2013) nos apresenta relações mais diretas com relação à interface entre psicanálise e educação, fazendo referência ao pensamento de Freud a este respeito. Além disso, a autora dialoga com trabalhos mais recentes e traz uma experiência de intervenção em uma escola.

O trabalho se inicia por meio do que Freud sustentava, de que a educação é um trabalho de recalçamento das pulsões e que, portanto, pode ter consequências muitas vezes danosas aos sujeitos. Outros autores manifestaram-se concordando com Freud quanto ao distanciamento da psicanálise com a educação (MILLOT, 1987; KUPFER, 1989). Millot (1987 *apud* MACIEL, 2013, p.171), por exemplo, afirma que “no máximo a psicanálise poderia transmitir ao educador uma ética, um modo de ver e de entender a prática educativa”.

Contudo, a autora faz contraponto com trabalhos mais recentes, mostrando que parece haver uma aproximação entre educação e psicanálise, no sentido de que a segunda pode colaborar com a primeira. A própria psicanalista Maria Cristina Kupfer mostra outra perspectiva ao “admitir ser possível conceber uma Educação orientada pela Psicanálise” (MACIEL, 2013, p.171). Assim, indo além, relativizando a afirmação de Freud sobre a impossibilidade de educar, informa que no próprio texto onde esta questão é abordada (“Análise terminável e interminável”), ele “chega a admitir que algo aqui também lhe escapa” (MACIEL, 2013, p.171). Trata-se, portanto, de um empreendimento bastante complexo de lidar, principalmente quando abordado por meio das dimensões subjetivas que caracterizam os seres humanos.

Maciel (2013) sustenta que a psicanálise winnicottiana mostra-se mais aberta a esta relação do que a lacaniana ou mesmo a freudiana. Citando vários trabalhos de Winnicott (1971; 1975; 1959; 1983; 1990) compreende “que o que há de natural no ser humano é uma tendência inerente do indivíduo a crescer, a se integrar, a se relacionar com objetos, a amadurecer” (MACIEL, 2013, p.173)

e que “a capacidade de criar inclui as disposições ambientais” (MACIEL, 2013, p.172), podendo a educação facilitar o crescimento dos estudantes.

No entanto, o crescimento ou a integração do sujeito possui intrínseca relação com a sua infância, em cujos elementos como os objetos transicionais, as relações parentais, enfim, o ambiente, foram propiciadores do desenvolvimento da criatividade. Assim sendo, o sujeito não pode ser aquele que não tem uma história, pois a criatividade promotora de satisfação escolar traz muito daquilo que em outros tempos tiveram espaço para se desenvolver. Afinal, tal como a autora afirma, “o brincar é natural, universal, faz parte da saúde psíquica e é considerado a experiência criativa por excelência” (MACIEL, 2013, p.174).

Mas como esta relação pode ser efetivamente colocada em prática? A autora mostra os resultados de um projeto por ela desenvolvido em uma escola, tendo Winnicott como norteador. Trata-se de “viabilizar a construção de um espaço de fala/afeto, bem como de intercâmbio entre seus componentes, numa espécie de experiência criativa como aquela de que nos fala Winnicott” (MACIEL, 2013, p.176). Ela objetiva “ampliar o espaço escolar a fim de que possa ser incluída na escola a dimensão criativa de si e do mundo, o que pode acabar por evocar os campos da política, da ética e da estética” (p.176).

Contudo, tal como na clínica, não significa que deve haver acordo entre as partes, ou seja, como a autora afirma, “não se trata de, por meio do diálogo, buscar acordo entre interlocutores”, afinal, as relações “também nos colocam na tensão, no jogo, que interrompe o diálogo bem conduzido”. (p.176). Trata-se, antes, de construir um espaço de escuta, que possa acolher os alunos diante de um desamparo originário.

Por fim, entre os trabalhos encontrados neste recorte da pesquisa cujo foco era a presença da psicanálise em um contexto educacional, um deles lida

com a estrutura psicótica⁴. Oliveira-Menegotto e Heidrich (2012) foi o único trabalho que trouxe uma contribuição de intervenção didático-pedagógica com relação à estrutura da psicose. A ação levou em consideração práticas envolvendo a informática e a discussão dos resultados de um estudo de caso. O artigo mostra que apesar de um complexo e desafiador trabalho a ser feito, a informática pode proporcionar importantes contribuições para o desenvolvimento dos sujeitos psicóticos em se tratando de sua constituição psíquica e de seu imaginário.

Enfim, se há possibilidade de sintetizar os trabalhos apresentados até aqui, apontamos que todos eles se preocupam com o desenvolvimento da infância e da adolescência, uma vez que é por meio dele que os sujeitos se mostram ávidos por vida (desejo de viver) ou se entregam cabisbaixos aos desafios - se mortificam, deprimem e adoecem. Além disso, também é na infância que as estruturas se formam e se estruturam como neuróticos, psicóticos ou perversos, tema do trabalho de Oliveira-Menegotto e Heidrich (2012).

Outro elemento comum é a íntima relação entre o ambiente familiar, em especial a relação com as figuras parentais, e a escola e seu entorno. Muitos dos problemas encontrados nas escolas podem ser reflexos daquilo que não tem sido bem resolvido em sua vida cotidiana no meio familiar e que tem como embasamento as relações edípicas e os fenômenos a elas ligados, como o fenômeno da castração e o da ferida narcísica entre o sujeito e seus cuidadores. Dessa forma, consideramos bastante relevante os investimentos que esses pesquisadores e psicanalistas têm feito com relação a este tema.

⁴ Na psicanálise, há três estruturas básicas em que os sujeitos se relacionam com o mundo: a neurose, a psicose e a perversão (FREUD, 2016). Neste trabalho não iremos aprofundar sobre este ponto, uma vez que iria estender muito o artigo diante dos objetivos apresentados.

No próximo tópico, propomos pensar se estas pesquisas podem ser discutidas quando inserimos a subjetividade de nossa época, aquela a que já fizemos referência na introdução deste trabalho: do discurso do capitalista. Em nossa opinião é fundamental discuti-la porque da década de 1970 para cá, desde a elaboração de Lacan, ela tem sido cada vez mais normalizada como um sentido para a vida, uma forma de apropriação das relações singulares das pessoas. Neste cenário, o que é preocupante é que este discurso tem adoecido aqueles que por vários motivos não querem ou não conseguem se adequar a esta demanda social.

O DISCURSO DO CAPITALISTA

Embora já tenhamos apontado para a contemporaneidade no tópico anterior, faremos aqui uma análise mais detalhada no que se refere ao discurso do capitalista. Entre os artigos levantados nesta pesquisa, podemos apontar quatro deles (ARREGUY, 2020; OLIVEIRA; LIMA; COLARES, 2019; ASSEMAN, 2016; COUTINHO, 2015) como trabalhos que se aproximam do que Lacan (2008; 1992) apresentou em seus seminários como o capitalismo e suas formas de sujeição. O conceito central das análises de Lacan foi nominado como gozo, uma noção que foi introduzida no final da década de 1950, no livro 7, intitulado “A ética da psicanálise” (LACAN, 1988), e que retorna aos seus seminários dez anos mais tarde.

Segundo Safatle (2020), “a tematização do gozo volta às preocupações centrais de Lacan logo após os acontecimentos de maio de 1968” (p.58), indicando uma forma distinta de satisfação humana como decorrência de novas demandas da sociedade. Desta forma, segundo o autor:

É evidente, nesse contexto, como Lacan faz do gozo um conceito fundamental no interior de uma estratégia de crítica social psicanaliticamente orientada. (...). Pois Lacan lê o capitalismo não a partir de uma economia

política, mas de uma economia libidinal que se constrói através de certas homologias importantes com a crítica marxista. (SAFATLE, 2020, p.58).

Mas o que significa ler o capitalismo a partir de uma economia libidinal? O autor responde a esta questão da seguinte forma: “Isso significa que o capitalismo e suas formas de sujeição serão descritos a partir dos impactos que produzem no campo do desejo” (SAFATLE, 2020, p.58). No capitalismo, segundo Lacan (1992) acontece a “espoliação do gozo”, no sentido de privação de seus desejos, uma vez que o gozo é integrado “à lógica da produção mercantil e seus padrões de conduta. [Para o autor] compreender tais dinâmicas de espoliação seria condição fundamental para lutas políticas efetivamente transformadoras” (SAFATLE, 2020, p.58).

A relevância da leitura crítica do “discurso do capitalista” (LACAN, 1992) vem da relação intrínseca deste com objetos que não fazem laço social. E é por isso que este discurso é chamado de um pseudodiscurso (RODRIGUES, 2017). Portanto, dada a importância de saber lidar com este pseudodiscurso, fortemente presente no mundo contemporâneo, é que nos debruçamos para verificar se ela estava sendo investigada nos artigos.

Dentre os trabalhos que buscam fazer uma análise mais ampla que a restrita às questões internas da sala de aula ou mesmo da escola, apontando para questões problemáticas do mundo contemporâneo, citamos o artigo de Arreguy (2020). A autora, ao problematizar o discurso do capitalista, mostra que o capital é a verdade do sujeito contemporâneo.

Desta forma, mostrando que a complexidade com que a realidade hoje em voga se impõe às pessoas, a autora afirma que com a contracultura dos anos 1960 e 1970 houve muitas conquistas em se tratando de liberdade, mas que ao mesmo tempo ela trouxe consigo uma forma de lidar com esta nova realidade que é no mínimo preocupante.

A pesquisadora está se referindo a uma nova forma de subjetivação cujo gozo (LACAN, 2008; 1992; 1985⁵) satisfaz a todo um sistema capitalista e seus modos de produção, não sendo própria do sujeito. Significa dizer que há a constituição de uma contínua insatisfação do sujeito, uma falta permanente e necessária para que, por meio do consumo, o sujeito tenha a sensação de tamponá-la. Porém, caracteriza a procura da verdade de um outro, que não se trata mais de um laço social mal elaborado, mas de um discurso que não faz laço a não ser com os objetos do sistema.

Neste sentido, a autora afirma que “trata-se de um *processo de subjetivação*, que contradiz o que é esperado dos detentores de *micapoderes* – pais e professores”. (ARREGUY, 2020, p.151). A subjetividade a qual o discurso do capitalista se refere, portanto, é aquela que mantém e é mantida pelo capital, concebido como a verdade inconsciente do sujeito, conforme Lacan (1992). Como consequência desta realidade que se impõe, “frente ao avanço do neoliberalismo, o que se observa é o recuo por parte do Estado, através da constante retirada de garantias à população e a consequente insuficiência das redes de proteção aos sujeitos” (COUTINHO *et al.*, 2020, p.122).

O trabalho de Coutinho *et al.* (2020) não faz referência direta ao discurso do capitalismo, mas aponta para questões sobre a subjetividade atual:

Dessa maneira, deslocando o conceito freudiano do âmbito individual para o âmbito coletivo, o desamparo passa a ser também social, tendo no esgarçamento dos laços sociais uma fonte de mal-estar contemporâneo, que atinge especialmente a parcela da população mais vulnerável socialmente. (COUTINHO *et al.*, 2020, p.122).

A vulnerabilidade no discurso do capitalista é aquela que aponta para inadaptação ao capital exigido da atualidade, que tem no imaginário das pessoas um ideal de vida. Desta forma, o segundo artigo deste levantamento, que faz

⁵ Obras originalmente publicadas em fins de 1960 e início de 1970.

referência ao capital, nos alerta diante do que denomina “um cenário desolador” (OLIVEIRA; LIMA; COLARES, 2019).

Com o avanço cego da ciência e da tecnologia associado à dança frenética do Capital, estamos todos condenados à nossa autodestruição através da guerra, da crise, da fome, da corrupção. Construimos, com isso, uma nova espécie de miséria humana, revelada como barbárie que emerge no seio da própria civilização. Como diz Benjamin: “Uma nova forma de miséria surgiu com o monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” (1933/1994, p. 115) (OLIVEIRA; LIMA; COLARES, 2019, p.52).

Assim, fazendo uma crítica mais direta ao discurso do capitalista, as autoras afirmam que “o tempo vazio é, pois, o tempo cronológico, o tempo do relógio de pulso do pequeno burguês, cuja função *a priori* consiste em medir a quantidade da produção pelas horas de trabalho dispensadas” (OLIVEIRA; LIMA; COLARES, 2019, p.56). Ou seja, afirmam que “o tempo vazio é o tempo quantitativo do capitalismo industrial” (OLIVEIRA; LIMA; COLARES, 2019, p.56).

Sendo elemento crucial ao discurso do capitalista, o tempo cronológico passa a um patamar de maior protagonismo – pois sustenta maior produção para mais consumir –, contrariamente às singularidades de cada sujeito que, sendo assim, requer um tempo lógico (LACAN, 1998)⁶ para que consiga melhor perceber, melhor pensar e melhor decidir. Neste sentido, Assemany (2016), o terceiro artigo que faz referência ao discurso do capitalista (embora, a rigor, não seja a concepção lacaniana propriamente dita), afirma que “é preciso respeitar a subjetividade de cada criança e que os estímulos têm que ser mais naturais, em oposição à superestimulação, vigente na contemporaneidade” (p.238).

Segundo a autora, a superestimulação precoce leva a uma infância abreviada e esta “faria parte de uma transformação geral da humanidade e não

⁶ Em “Escritos”, Lacan (1998) apresenta um sofisma por meio do qual analisa uma situação envolvendo os tempos de reação de sujeitos pressionados a resolver uma questão. Esse tempo, que é subjetivo, portanto, não cronológico, Lacan chama de “tempo lógico”. Como consequência desta noção conceitual, o que foi vivenciado há muitos anos pode estar bastante presente na atualidade, não sendo o tempo (lógico) um obstáculo para torná-lo atual – como acontece com os traumas, (somente) cronologicamente distantes.

estaria restrita ao universo infantil” (ASSEMANY, 2016, p.239). Por meio da citação de Birman (2014) a autora afirma que “os deslocamentos das fases supostamente naturais da vida sinalizam alterações no interior da própria cultura” (p.240) e que é inegável que na contemporaneidade esteja ocorrendo uma transformação nas subjetividades das pessoas.

Com esta acepção, Coutinho (2015) – o quarto artigo que traz referência ao discurso capitalista – nota que “as mudanças aceleradas pelas quais vem passando a sociedade contemporânea afetam tanto os jovens quanto seus responsáveis e os profissionais que trabalham junto a eles, que, muitas vezes, não se sentem preparados para lidar com tais transformações” (p.166).

E um dos pontos nevrálgicos deste complexo problema é que “pela via dos ideais, supondo que o saber escolar, ou ainda, os professores como aqueles que o detém, não ocupam mais a priori o lugar de um ideal sustentado socialmente” (COUTINHO, 2015, p.166). Afinal, no discurso do capitalista (LACAN, 1992) o sujeito não faz mais laço social, mas se imbrica com os *gadgets*.

Dessa forma, as relações transferenciais necessárias para que elaborações sejam feitas, seja no campo clínico, no espaço familiar, seja no fazer escolar, passam por limitações impostas pelo mundo contemporâneo. E estas limitações são moldadas por uma nova subjetividade, em que os laços não sugerem mais uma relação entre um eu e um Outro. Daí a contemporaneidade atribuir ao individualismo todo o poder de satisfação, embora falsa e para sempre limitada, considerando que os sujeitos têm como constituição humana a necessidade de amparo de um Outro.

Esta questão leva a autora a uma encruzilhada: “Como situar, então, esta relação do adolescente com a educação, mediada pela transferência e atravessada pelos ideais culturais contemporâneos?” (COUTINHO, 2015, p.167). Afinal (ela continua): “Com o acirramento do individualismo e a

instauração da sociedade de consumo, a globalização econômica e cultural, as bases de sustentação de ideais coletivos e relativamente estáveis se dissipam” (p.167).

O discurso do capitalista é um discurso da técnica e da eficácia, um tipo de laço com objetos que afasta as relações transferenciais com professores por priorizar o enquadramento em práticas que desconsideram as singularidades de cada sujeito. Neste sentido, dificultam-se as relações e as possibilidades didáticas no que se refere ao ensino e aprendizagem. Portanto, “podemos supor que o mal-estar na escola é um sintoma próprio do mundo contemporâneo, regido pelo consumo e orientado pelo discurso da ciência, que denuncia a exclusão do sujeito constituído no encontro com a alteridade” (COUTINHO, 2015, p.171).

Contudo, como já mencionamos, a autora traz resultados de um projeto desenvolvido em uma escola do Estado do Rio de Janeiro – projeto intitulado *fala sério* – em que puderam se estabelecer discursos demonstrando a elaboração de laços sociais até então inexistentes. As ações mostram que apesar de conflitos e exaltações entre os alunos durante o andamento do projeto, houve significativo avanço em termos do favorecimento de laços sociais. Até porque conflitos e resistências de todo tipo são comuns em situações de vínculos afetivos entre pessoas bastante próximas e até nas sessões de análise.

Com respeito ao imaginário das relações entre aqueles que participam do convívio escolar, houve avanço no que se refere à percepção de que algo não andava bem, permitindo que as palavras pudessem simbolizar um olhar, assim como acontece no campo analítico.

A guisa de conclusão, tendo em vista um discurso na contemporaneidade que aponta para uma forma de laço com objetos, e não com sujeitos, portanto, que individualiza sujeito e objeto, projetos como esses – *fala sério* – podem estar transformando futuros nas escolas no sentido de possibilitar que discursos entre

sujeitos aconteçam, fazendo com que laços sociais em crise sejam reelaborados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicanálise nos ensina que há um sofrimento por trás da vida social a qual estamos submetidos. E que ela, a vida social, se apresenta por meio dos predicados de uma época, indicando subjetividades coletivas em meio às singularidades de cada um. Portanto, saber lidar com o mundo e com as relações com os outros é, no fundo, saber lidar com a manutenção da subjetividade que nos constitui, sem a qual podemos adoecer.

Assim, tendo como dado a presença de um tipo de discurso na contemporaneidade, pensamos e muitas vezes constatamos a presença de fatores psíquicos que levam comportamentos próprios de toda uma geração de pessoas. O fato é que sabemos, por meio da literatura da área da saúde, em especial, da psicanálise, que muitos destes sintomas acabam se tornando patológicos e difíceis de lidar. Contudo, também muitas vezes esta mesma literatura nos traz boas expectativas para o enfrentamento destes problemas.

Especificamente com relação a esta pesquisa, apesar de poucos artigos encontrados neste levantamento, são trabalhos que trazem a problemática do mundo contemporâneo entre os jovens, ora apontando para a trajetória familiar, infanto-juvenil, ora para questões externas de um contexto mais amplo que caracteriza a sociedade no mundo capitalista.

Neste sentido, se mostram relevantes para o Campo da Educação, com potencial para que sejam debatidos nos cursos de formação inicial e continuada de professores, nas pós-graduações em Educação e nos projetos de intervenções didáticas nos distintos níveis de ensino do país. Com esta perspectiva com relação a pesquisas do campo da psicanálise que fazem

referência à Educação, esperamos encontrar novos estudos a fim de contribuir com esta difícil atividade, quando temos como objetivo o favorecimento de laços sociais para que se possa viver com maior qualidade.

REFERÊNCIAS

ARREGUY, Marília Etienne. A autoridade à revelia do autoritarismo? **Cad. Psicanál.** (CPRJ), Rio de Janeiro, v.42 n.43, p.137-160, jul./dez. 2020.

ASSEMANY, Nancy Mendonça. Superestimulação na infância: uma questão contemporânea. **Cad. Psicanál.** (CPRJ), Rio de Janeiro, v.38, n.34, p.231-243, jan./jun. 2016.

BADIN, Rayssa; MARTINHO, Maria Helena. O discurso capitalista e seus gadgets. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, ano X, ed. 2, 2017.

BIRMAN, Joel. Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade. In: CARDOSO, M.R. (Org). **Adolescentes**. São Paulo: Escuta, 2014. p. 25-43.

COUTINHO, Luciana Gageiro; MACEDO, Maria Manuela Dias Ramos de; LIMA, Fernanda Mara da Silva; MARUM, João Francisco Pereira. Desamparo e laços sociais na escola: uma oficina com adolescentes da rede pública. **Cad. Psicanál.** (CPRJ), Rio de Janeiro, v.42 n.43, p.117-136, jul./dez. 2020.

COUTINHO, Luciana Gageiro. O adolescente e a educação no contemporâneo: o que a psicanálise tem a dizer. **Cad. Psicanál.** - CPRJ, Rio de Janeiro, v.37, n.33, p.155-174, jul./dez. 2015.

FREUD, SIGMUND. **Análise terminável e interminável**. In: S. Freud. Obras completas volume 19. Moisés e o monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937 – 1939). (p.274-326). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1937), 2018.

FREUD, Sigmund. **Neurose, Psicose, Perversão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, Sigmund. **Breves escritos**: contribuições para uma discussão acerca do suicídio. (Original de 1910). Rio de Janeiro: Imago, p.245-246, 1996.

KUPFER, M. C. **Freud e a Educação**: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1989.

LACAN, Jacques. O Seminário. Livro 16. **De um Outro ao outro**. Original em francês de 1968-69. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O Seminário. Livro 17. **O avesso da psicanálise**. Original francês de 1969-70. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. O Seminário. Livro 7. **A ética da psicanálise**. Original francês de 1959-60. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. O Seminário. Livro 20. **Mais Ainda**. Original francês de 1972-73. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MACIEL, Maria Regina. Psicanálise e Educação: do barulho à batucada. **Cad. Psicanál.**-CPRJ, Rio de Janeiro, v.35, n.28, p.169-181, jan./jun. 2013.

MELMAN, C. Sobre a educação de crianças. In: JERUSALINSKY, A. (Org.). **Educa-se uma criança?** Porto Alegre: Artes e Ofícios/APPOA, p.31-40, 1994.

MILLOT, C. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

OLIVEIRA, Débora Passos de; LIMA, Maria Celina Peixoto; COLARES, Carolina Carrah. O desejo de viver e a transmissão do saber: perspectivas psicanalítica e filosófica. **Cad. Psicanál.** (CPRJ), Rio de Janeiro, v.41, n.41, p.39-62, jul./dez. 2019.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; HEIDRICH, Regina de Oliveira. Corpo e psicose: articulações entre Psicanálise e Informática. **Cad. Psicanál.**-CPRJ, Rio de Janeiro, v. 34, n. 27, p. 211-224, jul./dez. 2012.

RODRIGUES, José. Lacan com Marx em Wall Street, um dia antes do fim: uma análise de Margin Call a partir do encontro da teoria dos discursos lacaniana e da crítica da economia política marxiana. **Ágora** (Rio de Janeiro) v.XX n.3 set/dez, p.695-705, 2017.

SAFATLE, Vladimr. **Maneiras de transformar mundos**: Lacan, política e emancipação. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.12666082>

e-ISSN: 2177-8183

SOUZA, Karina Carvalho Veras de; FRANCISCHINI, Rosangela. A díade adulto/criança em Rousseau e Freud e suas ressonâncias na clínica psicanalítica infantil contemporânea. **Cad. Psicanál.** (CPRJ), Rio de Janeiro, v.39, n.37, p.135-150, jul./dez. 2017.